



## LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS: UM ESTUDO DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA ENTRE (2010-2020)

Marlene Neris de Almeida (UFMT)

[marlene.neris12@hotmail.com](mailto:marlene.neris12@hotmail.com)

Sueli de Oliveira Britto Ribeiro (UFMT)

[sueliobritto@gmail.com](mailto:sueliobritto@gmail.com)

Geniana dos Santos (PPGE/UFMT)

[genianacba@gmail.com](mailto:genianacba@gmail.com)

GT 10: Ensino, Currículo e Organização Escolar

### Resumo:

A presente pesquisa discute a significação de leitura e escrita no contexto dos anos iniciais. Objetiva caracterizar e refletir essa relação nos estudos que abordam os anos iniciais do Ensino Fundamental, caracterizando o campo discursivo sobre a temática e também buscando entrever as práticas desenvolvidas pelos docentes em construções curriculares em sala de aula. A metodologia utilizada foi o levantamento bibliográfico com recorte temporal entre (2010–2020). Trata-se de uma pesquisa que se fundamenta nas produções teóricas do campo do currículo a partir de Lopes e Macedo (2011), Pinar (2016) e Santos (2019). Como resultado é possível apontar, de modo inicial, que as atividades de leitura e escrita são significadas por meio das demandas por alfabetização e letramento, sobretudo, é regulado pela ideia de proficiência e pelo ensino baseado em evidência. Os estudos evidenciam um trabalho textual desenvolvido pelos professores que ainda não consegue elevar a proficiência dos estudantes. De modo hegemônico, destacam teorias e perspectivas cognitivas para o ensino da linguagem, deixando a perspectiva dialógica e cultural em segundo plano.

**Palavras-chave:** Leitura. Escrita. Currículo. Anos Iniciais.

### 1 Introdução

O processo inicial da leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental pode deixar marcas profundas na escolarização dos alunos. Sendo considerado um instrumento facilitador da aprendizagem, necessita de maior atenção nas práticas pedagógicas. Desse modo, justifica-se a importância desta pesquisa bibliográfica em levantar uma reflexão sobre as práticas de leitura e escrita para alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.

Especificamente nesta escrita, buscamos apresentar as pesquisas publicadas sobre a leitura e escrita nos últimos dez anos (2010 – 2020), disponibilizados em formato de artigos científicos, de modo a contribuir à compreensão acerca de como as práticas de leitura e escrita têm sido desenvolvidas no contexto de ensino.

Evidencia-se, neste estudo, que as práticas de leitura e escrita necessitam ser atividades permanentes na estruturação das práticas pedagógicas, e embora se mostrem importantes na

organização curricular de toda a educação básica, têm sido pouco estimuladas nas políticas curriculares de leitura atuais, especialmente com centralidade na alfabetização.

## 2 Procedimentos Metodológicos

A partir do levantamento bibliográfico foi possível identificar uma dispersão considerável quando o tema é leitura. Os estudos encontrados no procedimento de coleta bibliográfica evidenciam que as pesquisas focalizam diferentes ciclos, fases e anos, dos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa bibliográfica se orientou pelos pressupostos de Bocatto (2006, p. 266, apud SALOMON, 2004), para basear-se em conhecimentos levantados pela “Biblioteconomia e Documentação” que contribui para etapas de planejamento de informação dos dados analisados para a elaboração e documentação da pesquisa científica. No contexto do levantamento, foram utilizados critérios de inclusão e exclusão de material, limitando-se aos últimos dez anos de publicação em artigos sobre a temática. Posteriormente, foram feitas leituras completas dos artigos, observações dos critérios levantados sobre leitura, escrita nos anos iniciais do ensino fundamental e revisão teórica.

## 3 Currículo e a produção curricular nos anos iniciais

De acordo com Lopes e Macedo (2011, p. 16) “[...] não se tem encontrado resposta fácil” para definir o que é currículo desde séculos passados. Esse apontamento é evidenciado também nos estudos de William Pinar na obra *Contemporary Curriculum Discourses* (1999), ao destacar os movimentos das reformas curriculares, desde o lançamento do primeiro satélite artificial Sputnik, pela URSS em 1957. Essa corrida espacial desencadeou uma jornada crítica ao modelo de pesquisas incapaz de melhorar a vida das escolas, segundo Pinar (2016, p. 9); sendo marcado pela exigência de uma reconceptualização<sup>1</sup> dos estudos de currículo nos Estados Unidos. Contextualmente, esse currículo era marcado por questões históricas de hegemonia, preconceitos de raça, gêneros, violências e agressões; uma disputa político-ideológica travada pela Guerra Fria, desde 1947, entre os norte-americanos e soviéticos.

---

<sup>1</sup> A inclusão do prefixo *re* indica, portanto, que, reconceptualização é o resultado de re-conceituar, é fortalecer as práticas de pensar novamente sobre o conceito de tal assunto, o papel do currículo educacional em relação às práticas pedagógicas de leitura e escrita.

Essa conceptualização sobre os estudos de currículo de caráter norte-americano provocou um despertar à criticidade do povo brasileiro, sobre o modelo tecnicista já implantado na década de 70, pela Ditadura Militar no país, cuja lógica educacional e seu currículo eram marcadas pela teoria tyleriana, que consistia em:

O modelo de Tyler é um procedimento linear e administrativo em quatro etapas: definição dos objetivos de ensino; seleção e criação de experiências de aprendizagem apropriadas; organização dessas experiências de modo a garantir maior eficiência ao processo de ensino; e avaliação do currículo (LOPES, MACEDO, 2011, p. 20)

Pinar (2016, p.10) afirma que o currículo é definido por alguns autores contemporâneos como “[...] uma área interdisciplinar híbrida de teoria, pesquisa e prática institucional [...]”. Que se permita articular entre elas, analisando o passado, o presente e o futuro. Possibilitando aos sujeitos entender as experiências do ensino educacional. O currículo é apontado como uma conversa complicada e complexa, cheia de critérios e estruturas que as orientam em seu objetivo, sempre visando um resultado sobre os sujeitos e, sobretudo, como um cenário de disputa cultural.

Currículo é uma conversa complicada. Estruturado por diretrizes. Focado em objetivos, excessivamente voltado para resultados, o currículo escolar luta para permanecer e conversar. É uma conversa — esforços de entendimento por meio da comunicação — entre alunos e professores, indivíduos que efetivamente existem em determinados lugares e dias, ao mesmo tempo, pública e privada. [...]. (PINAR, 2016, p.19)

É importante considerar que essa conversa envolve os indivíduos principais na abordagem curricular, os professores e os alunos, que trazem consigo para essa conversa seus conhecimentos, seus desejos, suas diferenças. Podendo dificultar ou evidenciar o que vem acontecendo no discurso de sala de aula. Ou seja, essa relação de conversa entre os indivíduos possibilita avaliar o que vem sendo desenvolvido ou não pelo aluno, e propriamente pelo docente. Apontando o que precisa ser autoavaliado para melhor desenvolvimento do diálogo da aprendizagem em sala de aula.

De acordo com Pinar (2016) o currículo possibilita uma conexão com o mundo através da particularidade da vida e por meio delas também. Segundo o autor, o diálogo de fato é interpretado como complexo, não é unicamente um problema da prática pedagógica, mas é o momento de entender as diferenças e as semelhanças gerais no âmbito educacional, é a subjetividade dialogando constantemente consigo mesma.

De fato, o currículo é conceituado por Lopes e Macedo (2011, p.16) como: as propostas curriculares das redes de ensino, o cotidiano da sala de aula, a grade curricular dividida entre as disciplinas e atividades, horários, as emendas, os programas das disciplinas e atividades, os

planos de ensino dos professores, os conhecimentos prévios e as experiências vividas pelos alunos.

A partir dessas concepções o campo curricular começa a entender que o currículo não forma apenas o indivíduo, mas o próprio conhecimento organizado, intencional, o objeto da escolarização.

A pergunta central não é “o que ou como ensinar”, mas, porque alguns aspectos da cultura social são ensinados como se representasse o todo social? Quais as consequências da legitimação desses aspectos para o conjunto da sociedade? Ou, posto de outra forma, quais as relações entre o “conhecimento oficial” e os interesses dominantes da sociedade? Por conhecimento entendam-se apenas os conteúdos de ensino, mas as normas e os valores que também constituem o currículo (LOPES e MACEDO, 2011, p.25).

O desdobramento desse modelo de currículo dominante vai ser desconstruído pelos teóricos da fenomenologia; destacando Paulo Freire, com suas influências nessa luta, para que os currículos sejam definidos por experiências dos sujeitos e para além de um conhecimento de dominação social. Contudo, para que o conhecimento consiga torná-los sujeito crítico e ativo na sociedade é preciso de um trabalho sobre a organização curricular e sua expressão na escola.

A definição de currículo está relacionada às produções de conhecimento em múltiplos momentos e espaços, qualquer manifestação do currículo, seja ela escrita ou falada, desde que integre o leitor é uma conversa em ação, que se torna uma prática de poder e de significados. Assim, para Lopes e Macedo (2011, p. 33) “Ele constrói a realidade, nos governa, constrange nosso comportamento, projeta nossa identidade, tudo isso produzindo sentidos”.

Sobre a relação entre teoria curricular e políticas curriculares de leitura, é possível apontar um crescente discurso sobre as práticas pedagógicas direcionadas às competências e habilidades para toda a educação básica (SANTOS, 2017, 2019, 2021), muitos desses discursos apostam para um *amadurecimento* e *domínio* de conhecimento mediado pela aquisição de leitura e escrita nos anos iniciais, mas reduzem essa experiência de aprendizagem à alfabetização em uma perspectiva tradicional, tal aspecto já foi trabalhado por Santos (2017).

No que tange ao currículo, observamos que leitura e escrita estão presentes em atividades muito complexas, que precisam ser desenvolvidas intencionalmente e sistematicamente, sempre dependendo de conexões pelo caminho, de um fazer sentido, resultando no compreender, na produção de conhecimento interativo em sala de aula. Devido à necessidade de um fazer sentido, defendemos o ensino da leitura e escrita em uma

perspectiva discursiva, que envolva a noção de intencionalidade curricular, mas que esteja comprometida com a ideia de negociação (SANTOS 2019).

Quanto às conexões que a leitura e a escrita constroem pelo caminho, destacamos sobre as relações que ela faz com as disciplinas e conteúdos curriculares/disciplinares, o papel do mediador e do incentivo à leitura, algo que supera uma noção de leitura como elemento subalterno às práticas de alfabetização. Nosso entendimento é que, a presença de singulares modos de ler e escrever pelas crianças marca a potencialidade curricular nos anos iniciais. Desse modo, o ambiente escolar privilegiaria a perspectiva do contato da criança com a linguagem oral, a leitura e a escrita em uma perspectiva um pouco mais dialógica, aberta à negociação.

Outro aspecto a ser ressaltado diz respeito à construção de uma transição produtiva entre as etapas da educação básica. Isso, pois, segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998, p. 117) quando se promovem atividades de aprendizagem significativa, elas potencializam experiências capazes de introduzir gradativamente a criança no universo do letramento, desenvolvendo as “competências linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever”, e no nosso entendimento, em uma formação leitora plena. Esse conhecimento construído a partir de uma experiência de leitura com sentido reverbera na escrita com sentido, vivenciada em um contínuo nos anos iniciais.

De acordo com Oliveira e Queiroz (2009, p. 2) “[...] o ensino de leitura deve ir além do ato monótono que é aplicado em muitas escolas, de forma mecânica e muitas vezes descontextualizado [...]”, pois esse é uma reprodução recorrente no interior das salas de aula. Se vivenciado de outro modo, o processo da leitura e escrita seria um elemento potencializador para a formação de leitores críticos sobre o mundo social, capazes de interpretar a realidade do mundo em sua volta, assim como tornar-se um cidadão ativo na sociedade.

Paulo Freire (1989), em sua obra *A importância do ato de ler*, aborda a concepção da leitura como importante fonte de compreensão crítica ao modelo de alfabetização. “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, existe um esforço para compreender a conexão da palavra escrita, nas relações entre leitura da palavra e leitura da realidade do mundo, do que se lê, do que se escreve, do que se fala.

Esse é um esforço que mobiliza nas pessoas uma construção de consciência e busca de possibilidades no processo de escolarização, e que gradualmente vão além dos muros da escola. Com esse enfoque buscamos compreender as pesquisas sobre leitura e escrita, e como

tais estudos consideram essas temáticas no âmbito das práticas pedagógicas do cotidiano da sala de aula.

#### 4 Leitura e Escrita nos estudos desenvolvidos entre 2010 e 2020.

Este levantamento bibliográfico focalizou a temática Leitura e Escrita entre 2010–2020, perfazendo os últimos dez anos de publicação no formato de artigos científicos em plataformas digitais. Enquanto especificidade aborda os sentidos atribuídos ao ensino da escrita, sua relação com a leitura e com as práticas de linguagem projetadas ao ensino fundamental, anos inicial.

Como termos de busca foram utilizadas as expressões: *linguagem, escrita e anos iniciais*. Nesse sentido, alguns critérios de inclusão e exclusão nortearam o processo de busca, seleção e organização do material discursivo oriundo do processo de levantamento.

No tocante ao levantamento, foram considerados como critérios de inclusão e exclusão: 1. As palavras de busca, 2. O recorte temporal e, posteriormente, 3. Leitura do título, 4. Resumo do trabalho. Após esses, foram estabelecidos outros critérios como: 5. Estar o artigo disponível em formato completo e pdf, e 6. Estar disponível em Língua Portuguesa. Os textos que não atendiam esses requisitos não foram excluídos em caso de abordar a temática pesquisada. Assim, os itens 3. e 4. Foram considerados mais significativos para o processo de busca e organização dos dados levantados.

Após o procedimento apresentado, foram selecionadas nove pesquisas, expressas em artigos científicos. Esses artigos foram lidos, organizados em um quadro descritivo e analisados. A seguir são apresentadas as principais características dos estudos:

**Quadro 1: Artigos sobre Leitura e Escrita nos Anos Iniciais (2010-2020)**

Ano	Título	Autores	Características Metodológicas
2012	A Proficiência em Leitura e Escrita: os dados oficiais e os dados reais.	DUARTE et al.	Investigativa e reflexiva
2013	Compreensão da Leitura e Consciência Textual nos anos iniciais.	PEREIRA	Pesquisa Qualitativa Bibliográfica
2015	Normas de Desempenho em Compreensão de Leitura Textual para Crianças de 1º Ano a 6ª Série	CORSO et al.	Pesquisa Qualitativa

2016	Leitura Fruição no Auxílio da Alfabetização e Letramento	GUIZE	Pesquisa Qualitativa, Bibliográfica
2016	A influência da leitura na formação da criança	SILVA E CÂMARA	Pesquisa Qualitativa, Bibliográfica
2017	Da leitura da palavra à leitura do mundo: Uma possibilidade poética entre alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental.	SANTOS-GOEDERT e ROCHA	Pesquisa Qualitativa, Aplicada
2019	O cérebro que aprende: uma experiência com práticas de leitura nos primeiros anos de escolarização.	GUERINO e CARLESSO	Coleta de dados e estudo de caso
2020	Análise Da Importância Da Leitura No Processo De Alfabetização Na Concepção De Magda Soares E De Paulo Freire	RESENDE. RESENDE,	Pesquisa Qualitativa, Bibliográfica
2020	Histórias de leitura e práticas pedagógicas de professoras em formação	MENDONÇA, SILVA E NICCOLI.	Pesquisa Qualitativa, Bibliográfica e Aplicada (Entrevistas)

**Fonte:** Dados recolhidos pelas autoras (2020)

Referente ao Quadro 1, resumem-se os resultados das observações para cada trabalho, e ao interior de cada categoria. Sendo ordenados segundo seu ano de publicação, título, autores e características metodológicas.

**Quadro 2: Apresentação dos descritores em uma organização temática acerca do levantamento.**

Autor/ Ano	Descritores
DUARTE et al. (2012)	Leitura, avaliações oficiais. Alfabetização por evidências, Estatísticas, Pesquisas acadêmicas e observações da atuação das crianças no cotidiano escolar demonstram problemas que exigem busca de soluções. Foco teórico: <b>Psicolinguística.</b>
PEREIRA (2013)	Os indicadores oficiais de proficiência <b>em leitura e escrita nas séries iniciais, formação inicial do professor e prática pedagógica.</b> A <b>linguagem como um processo discursivo.</b> <b>Análise de documentos oficiais.</b> Indicadores oficiais sobre a <b>proficiência em língua portuguesa nas séries iniciais.</b>
CORSO et al. (2015)	<b>Normas de desempenho que avaliam a compreensão leitora de textos narrativos.</b>

GUIZE (2016)	A leitura fruição a partir de práticas pedagógicas que utilizem as <b>tipologias textuais</b> , mas explorem mais os gêneros textuais, <b>a função dos textos no processo de alfabetização e letramento.</b>
SILVA e CÂMARA. (2016)	A leitura deve ser vista como um <b>conjunto de comportamentos que se regem por processos cognitivos armazenados na memória do indivíduo os quais afloram durante o contexto da atividade da leitura. A formação intelectual, social, emocional, moral e crítica da criança.</b>
SANTOS-GOEDERT e ROCHA. (2017)	<b>A Alfabetização Científica. Alfabetização e Letramento. Escrita autônoma. A escrita da criança traz indícios de sua experiência.</b>
GUERINO e CARLESSO. (2019)	Os projetos de incentivo à leitura no cotidiano escolar. Desempenho dos estudantes nos primeiros anos de escolaridade.
RESENDE, M., RESENDE, T. (2020)	Leitura no processo <b>de alfabetização</b> . Elementos essenciais no <b>processo de alfabetização</b> , dentre eles a escrita e a leitura. Relação Alfabetização e Letramento. Magda Soares e Paulo Freire.
MENDONÇA, SILVA e NICCOLI. (2020)	Identificação das histórias de leituras de professoras que além de atuar nos anos iniciais, do ensino fundamental, encontra-se em processo de formação. <b>Aquisição de hábitos de hábitos de leitura, formação de novos leitores.</b>

Fonte: Dados recolhidos pelas autoras (2020)

No tocante aos materiais pesquisados, foi sistematizada uma apresentação evidenciando algumas práticas discursivas sobre leitura e escrita nos anos iniciais ao longo dos últimos dez anos. Além de apresentar os enfoques dos estudos e das práticas pedagógicas abordados na leitura e escrita em sala de aula.

Duarte et al. (2012) aborda as avaliações sistemáticas da proficiência em língua portuguesa e matemática que o Ministério da Educação tem feito nas escolas brasileiras, tanto no que diz respeito ao ensino fundamental e no que diz respeito ao ensino médio, partindo do pressuposto de que documentos oficiais preconizam o “pleno” domínio da escrita e do cálculo. O referencial teórico foi Smolka (2003) e Bakhtin (1988) que considera a linguagem como atividade discursiva. Argumenta que o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita do o ponto de vista discursivo deve considerar a dimensão ideológica, sócio-histórica e dialógica da linguagem (BAKHTIN, 1988), deve considerar, portanto, o fenômeno social da interação verbal. “Conforme o exposto é preciso que a concepção de leitura e de escrita como atividade

discursiva seja levada à sala de aula, e o professor deixará de ser mero repetidor de conteúdos idênticos ano após ano”. (ANTUNES, 2007, p.26).

Pereira (2013) destaca as dificuldades da compreensão da leitura nos anos iniciais, algo evidenciado nas avaliações de larga escala, as estatísticas são apontadas por meio das pesquisas acadêmicas e observação da atuação das crianças no cotidiano escolar. Esse registro nos recorda as discussões de Biesta (2018), que aponta para uma preocupação global com a educação padrão ouro, expressa em índices de proficiências atrelados à alfabetização. A Psicolinguística contribui no que refere o papel da consciência linguística aprendido a leitura e compreensão dos textos. O texto aponta que muitos estudos vêm sendo realizados especialmente com foco na consciência fonológica, já sobre a consciência sintática são menos frequentes, quanto à consciência textual as iniciativas são bem poucas.

Para o autor, os destinos sociais culturais se fecham para as crianças pequenas, fica evidenciado quando fala que a consciência humana vem sendo objeto de curiosidade popular e científica, gerando reflexões, convicções e definições ao longo dos tempos. Traz como exemplo Platão e o Mito da Caverna, que de acordo com essa metáfora, o alcance da consciência abrange o domínio das coisas sensíveis (as sombras percebidas) e o domínio das ideias (as luzes da verdade). Ele relata como essa consciência se realiza na libertação do homem, vivendo a dialética desses mundos.

Corso (2015) apresenta os requisitos para criação de um instrumento composto de duas tarefas diferentes que avalia a compreensão leitora de textos narrativos. Nas tarefas, as crianças recontam as histórias lidas. As leituras são Paradidáticas como “A coisa” (ROCHA, 1997), com cerca de 200 palavras foi utilizado nos primeiros níveis de escolaridade da amostra (até três anos de estudos). “O coelho e o cachorro” (PRATA, 2005), com 241 palavras, foi utilizado nas três séries escolares. Ao construir o instrumento houve a preocupação que diferentes etapas fossem contempladas, com participação de juízes independentes: seleção do texto, análise de cláusulas especificando resultados dos recintos dos textos. O texto “A coisa” foi utilizado com estudantes do ensino fundamental, a partir dessa estratégia foram avaliadas alunos do 1º ao 3º ano, o “Coelho e Cachorro” foi utilizado com crianças que já concluíram 4º e 6º ano.

A pesquisa destaca que as crianças de anos escolares mais avançados apresentaram desempenho superior àquelas de séries iniciais. As crianças de escolas privadas tiveram melhor desempenho, comparados com as crianças de escolas públicas. O instrumento foi defendido como apropriado para diferenciar desempenhos para diferentes escolaridades e categoria de escolas, além de ser considerado de fácil aplicação. O instrumento, conforme

apresentado é utilizado em estratégias clínicas, por pesquisadores e profissionais do meio escolar.

Guize (2016) discute como se dá a leitura fruição a partir de práticas pedagógicas que utilizem as tipologias textuais, mas que explorem mais os gêneros textuais, focalizando a função dos textos no processo de alfabetização e letramento. O estudo busca contribuir para as discussões acerca da leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental defende que, no Brasil, os sujeitos além de alfabetizados, devem ser letrados e leitores.

Silva e Câmara (2016) expõem em sua pesquisa a importância do desenvolvimento da leitura nos anos iniciais, nesse estudo, a leitura deve ser vista como um conjunto de comportamentos que se regem por processos cognitivos armazenados na memória do indivíduo os quais afloram durante o contexto da atividade da leitura. Sendo assim, a aprendizagem da leitura não se limita ao exercício de grafias, mas perpetuam como caminho para novas reflexões sobre a linguagem por práticas sociais.

Nessa perspectiva, a leitura está totalmente ligada à formação intelectual, social, emocional, moral e crítica da criança. Para o estudo, a leitura não, é algo central apenas nos anos iniciais, visto que essa atividade constitui um processo longo, que deverá ser iniciado, provocado, sustentado e desenvolvido durante as experiências escolares, afirmando que se formam crianças na relação dialógica entre aquele que ensina e aquele que aprende.

Santos-Goedert e Rocha (2017) trazem uma discussão sobre a alfabetização científica e foca seus esforços no ensino de ciências nos anos iniciais. Os autores trabalharam com poemas de quatro estrofes produzidas pelas crianças, a análise foi representada em duas categorias que expõe sobre a escrita autônoma sobre a natureza e articulação do conhecimento científico e com a percepção infantil da realidade. Os poemas foram analisados e selecionados a partir do conteúdo e procura demonstrar que a associação entre a leitura de mundo e leitura da palavra proposta por Paulo Freire amplia conhecimentos.

Guerino e Carlesso (2019) realizaram uma pesquisa de estudo de caso com 16 alunos de uma turma do quinto ano do ensino fundamental de uma escola pública. O objetivo foi apresentar destacar projetos de incentivo à leitura no cotidiano escolar. O estudo salienta como esses podem contribuir para a melhoria do desempenho dos estudantes nos primeiros anos de escolaridade. Estudo aponta que o incentivo de práticas de leitura contribuiu para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes não somente em língua portuguesa, mas também em ciências e na matemática. Conforme o estudo, para que o ensino promova significados importantes para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, sugere-se aos professores e gestores dos anos iniciais que invistam em práticas de leitura aliadas à ação.

Resende e Resende (2020) analisam a importância da Leitura e Escrita no processo de alfabetização. Defendem que a relação entre leitura e escrita é um dos elementos essenciais no processo de alfabetização, tendo uma especial visibilidade nos últimos anos. Conforme o estudo, aprimorar esse processo logo no início dos anos iniciais é uma garantia que a criança se desenvolverá, explorando todo seu potencial em todo o seu percurso escolar.

No referido estudo, foram analisadas publicações sobre alfabetização e letramento de Magda Soares e Paulo Freire. Conforme defende, ainda que o termo letramento não tenha sido citado, a ideia de Paulo Freire sobre a alfabetização evidencia a superação da decodificação de signos. Já Magda Soares aponta uma preocupação em relação à perda dessa especificidade da alfabetização em interesse do surgimento das práticas de letramento.

Mendonça, Silva e Nicolli (2020) apresentam aspectos acerca das histórias de leitura de professoras em processo de formação pelo Parfor campus da UFAC, na cidade do Rio Branco - Acre. Os dados foram analisados a partir do pressuposto de que, em contexto escolar, a depender de suas histórias, os professores podem facilitar ou não o desenvolvimento de hábitos de leitura, sendo isso um importante instrumento para o exercício da função pedagógica e para formação de novos leitores.

## 5 Considerações Finais

Este trabalho buscou evidenciar as práticas discursivas sobre leitura e escrita nos anos iniciais. Para tanto, foram levantamos estudos nos últimos dez anos (2010-2020), muitos deles trazem uma conversa complicada sobre o que seja currículo (PINAR, 2016), ainda muito focalizada em perspectiva tradicionais de currículo, que não se relacionam com o entendimento de currículo como política cultural (LOPES e MACEDO, 2011). Destaca-se que, embora apresentassem uma compreensão teórica discursiva sobre a linguagem, focalizando estratégias pedagógicas como reconto trabalho textual, leitura e escrita autônoma, estava orientada pelo discurso de crise na aprendizagem e necessidade de alfabetização, simplificada em índices de proficiência, prática discursiva apontada de modo recorrente no campo de estudos sobre leitura e ensino (SANTOS, 2017, 2019).

Como resultado principal deste estudo, é possível apontar, mesmo que de modo inicial, que as atividades de leitura e escrita são significadas por meio das demandas por alfabetização e letramento. Em sala de aula são trabalhadas de forma lúdica, ainda que por práticas pedagógicas diretivas e focalizadas em um discurso de ensino por evidência. Os estudos apontam que o professor possui papel importante nos processos de identificação leitora, pois

fazem currículo também em suas trajetórias de vida quando se formam e se autorizam enquanto leitores. Nesse movimento, entendemos aquilo que defende Pinar (2016) quando afirma que os professores vivenciam o currículo, interpretam e mediam a formação leitora em sala de aula.

A partir das análises dos textos, foi possível perceber que existe uma centralidade/preocupação com índices de proficiência e das avaliações de larga escala, problema que mobiliza pesquisas focalizadas em uma interface cognitiva da aprendizagem da leitura. Poucos estudos, dentre os levantados, assumem uma perspectiva discursiva/cultural de currículo, embora todos destaquem a perspectiva textual enquanto estratégia para formação leitora. Nesse sentido, merece destaque o trabalho de Duarte et al. (2012), que traz uma problematização pautada nas teorias discursivas e culturais e que projetam trabalho mais dialógicos com as crianças.

Dentre as práticas registradas pelos pesquisadores, podemos analisar que o desenvolvimento das crianças se dá pela iniciação ao mundo da leitura, que proporciona oralidade e desenvolve a escrita social de mundo desse aluno, algo reiterado especialmente em nome de Freire e da sua noção de leitura de mundo, mas, em parte dos estudos apresentados, há foco maior na noção de competências em uma configuração utilitária da leitura e da escrita.

Entendemos que os estudos destacados dão contribuições ao campo de estudo sobre o ensino da leitura, especialmente nos anos iniciais, ao evidenciarem as principais crenças em torno da leitura e da aprendizagem. Contudo, ainda destacam com maior ênfase a perspectiva cognitiva, bloqueando sentidos de uma prática pedagógica mediada por sentidos culturais, como defendido por Freire (1989). Essas crenças atrelam-se a uma ideia de educação em perigo, ocasionado pela distância de uma educação padrão ouro, referenciada nas avaliações de larga escala, evidenciando a necessidade de maiores estudos sobre as implicações das políticas de avaliação para as políticas curriculares.

## Referências

ANTUNES, Irandé. Muito além da gramática: por um ensino de língua sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BIESTA, Gert. Medir o que valorizamos ou valorizar o que medimos? Globalização, responsabilidade e a noção de propósito da educação. Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 31, n. 63, p. 815-832, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X33482>

BOCCATO, VRC. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo 2006. Set-dez; 18 (3)265-74. Disponível em: [http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista\\_odontologia/pdf/setembro\\_dezembro\\_2006/metodologia\\_pesquisa\\_bibliografica.pdf](http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf). Acesso em: 23 de junho de 2021.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1998.

CORSO, H. V., Piccolo, L. R., Miná, C. S., & Salles, J. F. (2015). Normas de Desempenho em Compreensão de Leitura Textual para Crianças de 1º Ano a 6ª Série. *Psico*, 46(1), 68-78. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2015.1.16900>. Acessado em: 27/06/2021.

DUARTE, Raimunda Dias. A proficiência em leitura e escrita: os dados oficiais e os dados reais. In: 5º Encontro Internacional de Educação Comparada Avaliação do Rendimento Escolar: dimensões internacionais, 2012, Belém. Anais do 5º Encontro Internacional de Educação Comparada. 2012. Disponível em: <https://www.sbec.fe.unicamp.br/pf-sbec/eventos/eventos-realizados/5o-encontro-internacional-da-SBEC/trab47.pdf>. Acessado: 24/05/2021.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. 23ª Ed. Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREITAS DA SILVA, J. P.; FARIAS CÂMARA, C. M. A influência da leitura na formação da criança. *Mneme - Revista de Humanidades*, v. 17, n. 38, p. 120-128, 12 ago. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/8484/7068> Acessado em: 27/06/2021.

GUERINO, S. L. C. e Carlesso J. P. P. (2019) O cérebro que aprende: uma experiência com práticas de leitura nos primeiros anos de escolarização. *Res., Soc. Dev.* 8: (3). 2019. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/849>. Acessado em 15/04/21.

GUIZE, Roseli Prado Scorci. Leitura Fruição no Auxílio da Alfabetização e Letramento. 2016. Disponível em: <https://www.revistaacademicaonline.com/products/roseli-scorci-tema-apresentado-leitura-fruicao-em-sala-de-aula/>. Acessado 31/ 04/2021.

LOPES, Alice C. MACEDO, Elizabeth. Teorias de Currículo. São Paulo: São Paulo: Cortez, 2011. Cap. 1. p. 16-35.

MENDONÇA, Michelly Ferreira de; SILVA, Francisco Sidomar Oliveira da; NICOLLI, Aline Andréia. Histórias de leitura e práticas pedagógicas de professoras em formação. In: *Braz. J. of. Develop. Curitiba*, v. 6, n. 11, p.88533-88547, nov. 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/19947>. Acessado em 05/05/21.

OLIVEIRA, Cláudio Henrique. QUEIROZ, Cristina Maria de. Leitura em sala de aula: a formação de leitores proficientes. RN, 2009. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/leitura-em-sala-de-aula-a-formacao-de-leitores-proficientes/18067/>. Acessado em 14/06/2021.

PEREIRA, V. W. Compreensão da leitura e consciência textual nos anos iniciais. In: Revista Signo. Santa Cruz do Sul: UNISC, v. 38. Especial, p. 29-43, jul.-dez. 2013. Disponível em: [https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/11210/2/Compreensao\\_da\\_leitura\\_e\\_consciencia\\_textual\\_nos\\_anos\\_iniciais.pdf](https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/11210/2/Compreensao_da_leitura_e_consciencia_textual_nos_anos_iniciais.pdf). Acessado em: 31/05/2021.

PINAR, William. Estudos Curriculares: ensaios selecionados. Seleção, organização e revisão técnica. LOPES, Alice Casimiro. MACEDO, Elizabeth. — São Paulo: Cortez, 2016. (p. 7-45).

PRATA, M. (2005). O coelho e o cachorro. In M. A. Negrinho. Aulas de Redação – 6ª série (pp. 42-43). São Paulo: Ática, 2005.

RESENDE M. RESENDE, T. Análise da Importância da Leitura no Processo de Alfabetização na Concepção de Magda Soares e de Paulo Freire. 2020. Disponível em: <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/linguagensletramentos/article/view/1429>. Acesso em: 14/04/2021.

ROCHA, R. A Coisa. In: C. S. Carvalho & M. D. Baraldi (Eds.), Construindo a escrita: leitura e interpretação de textos (pp. 86-95). São Paulo: África. 1997.

SANTOS, G. BNCC e DRC/MT: das tentativas de implementação aos processos de ressignificação curricular. Interação. Curitiba, jan./mar. 2021, v. 21, n. 1

SANTOS, G. Como as políticas curriculares delineiam a leitura escolar? 38º Reunião Nacional. ANPED. São Luís: Maranhão, 2017b. Disponível em [http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT12\\_126.pdf](http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT12_126.pdf)

SANTOS, G. Meu aluno não lê: sentidos de crise nas políticas curriculares para a formação em leitura. 2017. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, G. Políticas curriculares de leitura: crise, antagonismo e negociação no Congresso de Leitura do Brasil (COLE). Curitiba: CRV, 2019.

SANTOS-GOEDERT, G. & ROCHA, A. L. F. (2017). Da leitura da palavra à leitura de mundo: uma possibilidade poética entre alfabetizações nos anos iniciais do Ensino Fundamental. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC, pp. 1-9. Disponível em: <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R1104-1.pdf> Acessado em: 28/06/2021.

SMOLKA, Ana Luíza Bustamante. A criança na fase inicial da escrita. São Paulo: Cortez, 2003.